

**SESSÃO DE ENCERRAMENTO**



## **Presidente do Instituto de Inovação Educacional**

### **Maria Emília Brederode Santos**

Muito obrigada. Três palavras, e sobretudo de agradecimento. Mas sobretudo gostava de recordar ao Dr. João Correia de Freitas que dizia, numa das suas magníficas "lâminas" (do Power Point), parafraseando Daniel Sampaio "inventem-se novas escolas", no fundo, a sessão de hoje quase que diz que não é preciso, o que é preciso é que experiências como as que foram aqui hoje apresentadas e que foram interessantíssimas, sejam apoiadas e divulgadas e disseminadas, e o "Boa Esperança" tem contribuído para isso. Não vai ser com certeza a solução única para isso, mas tenta ser uma contribuição. Esta sessão aqui no CNE faz parte dessa tentativa, e apreciei muito especialmente que a Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Bettencourt focasse a questão do acompanhamento. Este é um tema extremamente novo. No IIE, esse problema também se nos põe. Já quisemos fazer um *dossier* da revista Inovação sobre este tema, e não conseguimos por não haver quase nada sobre ele. É um tema muito novo e portanto, é muito importante que se faça esta reflexão como a Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Bettencourt fez e que se aprofunde essa matéria, talvez aqui outra vez se o CNE e a Prof.<sup>a</sup> Teresa Ambrósio estiverem de acordo.

Ainda a propósito do acompanhamento, gostava de dizer que, para além de acompanhamento na prática, junto das escolas, ser um trabalho difícil e novo, que, no fundo, se está constantemente a inventar e a reinventar, a própria coordenação a nível nacional, também é uma coordenação muito difícil e delicada. Realmente, só uma pessoa como a Dr.<sup>a</sup> Filomena Matos consegue equilibrar a arte e a ciência necessárias para o fazer. Porque, por um lado, não se pode ter um papel avaliativo, um papel judicativo, normativo, visto que não é esse o propósito. Pelo contrário, pretende-se é facilitar as capacidades inovadoras das escolas. Mas, por outro lado, também tem que se ter algumas exigências (de prazos, de produtos...), e é difícil equilibrar estes dois requisitos. Gostava de sublinhar também que isso é conseguido no IIE com uma equipa extremamente pequenina e

flexível. Normalmente lançar-se-ia um programa grande, uma grande estrutura. No "Boa Esperança", não.

Gostava também de dizer algo relacionado com o que dizia há pouco sobre a produção de materiais, que toda a equipa técnica do IIE (que aliás, está aqui a dar apoio) teve um papel muito engraçado. No fundo, fizeram quase que de acompanhantes, pelo menos de reveladores, porque à medida que iam produzindo os materiais, os práticos, os inovadores do terreno, tinham que explicitar o que é que estavam a fazer. Portanto, foi também um papel de reveladores muito interessante e que provavelmente não está teorizado, mas que valeria a pena focar e trabalhar nisso. Finalmente quero agradecer muito, uma vez mais, à Prof.<sup>a</sup> Teresa Ambrósio, Presidente do CNE, ter-nos dado esta oportunidade, e ao Dr. Manuel Miguéns ter organizado tão bem este Encontro.

Muito obrigada.

## **Presidente do Conselho Nacional de Educação**

### **Teresa Ambrósio**

Muito obrigada, Dr.<sup>a</sup> Emília Brederode. Permitam-me que observe que não foi apenas com a preocupação de dar a conhecer o Programa "Boa Esperança", aliás muito positivo, que o Conselho Nacional de Educação promoveu este Seminário. Não somos apenas um espaço de difusão, de divulgação, de eco das coisas que se passam, do dia-a-dia do Ministério, mas também para cumprir aquilo que julgo ser a nossa missão. O CNE alimenta-se, no fundo, destas experiências de inovação. Há uma tensão entre um futuro mais rico sob o ponto de vista pedagógico, de qualidade de ensino, da inclusão escolar, da melhoria da aprendizagem, e os entraves do dia-a-dia, provenientes de nós próprios, provenientes da Administração, provenientes dos modelos que temos ainda de fazer educação; isso cria muitas vezes o tal desânimo, que a Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Bettencourt aqui tão bem exprimiu, outras vezes estimula-nos a continuar a lutar. Entendemos que o Conselho Nacional de Educação é um órgão cuja função tem de ser continuamente interpretada, como órgão mediador entre a visão prospectiva do futuro, e o conhecimento da situação actual mantendo uma tensão entre o que hoje somos e aquilo que nós desejamos ser no futuro. É por isso que estas experiências de inovação que aqui foram relatadas, são significativas de que há uma mudança que está em marcha, e que há uma qualidade educativa que não sabemos ainda muito bem definir, mas que se vai compreendendo pela reflexão das práticas e pela análise e avaliação do que no terreno se está a fazer, dando-nos um sentido desta evolução.

De tudo quanto ouvi, só queria evidenciar alguns desses vectores de tensão que julgo serem importantes para os professores, para os educadores, para todas as pessoas que estão empenhadas na actividade educativa, e que olham para a escola, e exigem-nos mais de que ainda estamos fazendo. É extremamente interessante verificar, por exemplo,

com a experiência relatada de manhã, como é possível criar uma escola que passa para além das suas fronteiras. Uma escola de sentido alargado? Uma escola que abre as portas, e que é uma escola que integra outros espaços educativos, Juntas de Freguesia, Associações Recreativas, etc., passando assim da "escola lugar", administrada pelo Ministério da Educação, para um espaço educativo onde outras actividades acontecem tão educativas e tão importantes quanto a aprendizagem das disciplinas como, por exemplo, a aprendizagem da cidadania. É uma primeira experiência do que se chama a sociedade educativa. Repare-se, por exemplo, na chamada de parceiros educativos com os professores que se empenham na realização de algumas das actividades. Estou-me a referir, novamente, a Armação de Pêra. É possível, assim, começar a mostrar que há responsáveis pela educação que não são apenas os professores, e que há parceiros educativos que poderão ser tão ou mais responsáveis quanto precisamente esses professores. A responsabilidade social da educação não pode competir exclusivamente nem ao Estado, nem à Escola formal, já que implica toda a sociedade civil organizada.

É impossível realizar a educação como a formação ao longo da vida de outra maneira. A Europa está nesta data a debater o "Memorando da Educação ao Longo da Vida", que é como que o quadro referencial da Comunidade Europeia para as políticas educativas do século XXI. E somos postos perante o facto de que não é na escola com os professores que temos que conseguiremos fazer a tal educação permanente e contínua. A educação ao longo da vida não é só tarefa dos professores. Depois também se levantam as questões acerca dos professores, e dos formadores, com as modalidades de educação/formação. Experiências como as que de tarde foram relatadas levam-me a crer que quando se integrarem novas tecnologias, como instrumentos na formação, na aprendizagem, no ensino, então teremos de recorrer a outros professores, educadores, formadores. E seremos levados a perguntar quais devem ser os modelos de formação destes novos centros escolares.

Por outro lado, quando falamos na formação contínua ao longo da vida, esta não é só para os jovens, mas para todas as pessoas: porque é que na escola de Armação de Pêra não há-de também haver uma ligação com a formação dos adultos, com a formação para a qualificação profissional? Falámos das TIC: e perguntamo-nos o que é hoje fazer educação numa sociedade do conhecimento, numa sociedade da informação? Realmente, a criança que dizia "eu sou uma criança do século XXI e vivo numa escola do século XX", provavelmente, diz-nos uma grande verdade.

É o problema da sociedade educativa. O que é que estamos a fazer hoje às nossas escolas, quando é preciso organizar novos espaços educativos? É preciso rentabilizar os recursos todos, e nós temos neste momento, uma última oportunidade grande, o PRODEP III. Temos este programa que é dedicado ao desenvolvimento da política educativa, formação de professores, inovação, novas tecnologias, currículos, etc. É uma oportunidade que temos de aproveitar ao máximo. E não podemos de maneira nenhuma deixar de fazer uma análise crítica dos critérios e da forma como vamos aproveitar esses recursos, e como é que vamos corresponder a este grande desafio de inovação para a mudança e para a qualidade.

Termino desejando que este Programa de "Boa Esperança seja também o programa da nossa confiança no futuro, e que dê sentido ao nosso trabalho no dia a dia.

Agradeço, portanto, mais uma vez, a todos os que permitiram que este Seminário se realizasse. Não conseguimos fazer mais agora, temos porém os olhos postos no futuro, e sabemos para onde vamos.

Muito obrigada a todos.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO